=

RUBEM PRATES

VIVER À DERIVA

OS QUE AJUDAM A HUMANIDADE

ÍNDICE:

As Drogas---------- 10
Vida Profissional do Autor---------- 13
Nossa prisão---------- 16
Perigos eminentes---------- 18
Passagens pitorescas e perigosas-------- 19
A anciã---------- 21
Vejamos alguns dos seus "Generais" ---------- 33
Giordano Bruno---------- 39
Intuitivamente o homem procura a razão------ 41
Viver com conhecimento da sua função--------- 46
Assim, repetem as religiões---------- 47
Que fique o ilustre Professor sossegado--------- 50
O Estado, ah! O Estado---------- 56
No Ocidente---------- 61
Pela nossa visão---------- 64
Nossas próprias experiências---------- 65
Esse foi o estalo---------- 70
Evento em Santo Antônio de Jesus---- 72
Levaram-me a outra dimensão---------- 74
Estávamos na fazenda Serra---------- 75
Nosso Casamento e cura do sogro------ 77
Queda em um esgoto---------- 80
Nunca tive uma boa saúde---------- 84
Porque deixei a carne vermelha---------- 89
Ida para o Oeste---------- 90
A Fazenda Pedra---------- 96
"**Barqueiros do Rio Grande**104", ---------- 97
Evangelho em Jupaguá---------- 103

O homem da úlcera na perna---------- 105
Um garoto se afoga---------- 112
Obsessão de um Fazendeiro---------- 113
Fato inesquecível---------- 116
Perigo eminente---------- 118
Não eram normais os acontecimentos- 121
Começam a se esclarecer os motivos--- 122
Meu Deus lembrei! O Pezão---------- 123
Anjo Deitado---------- 126
O Peba---------- 128
Confissão impressionante---------- 132
Evento em Angical---------- 136
Segundo evento em Angical---------- 138
Intenção do aborto---------- 140
Encontro entre antigos inimigos 143
Incremento de amizade---------- 145
Uma só Deriva ---------- 148
"Viveram À Deriva---------- 153
Pesquisa- da vida de João Batista-------- 154
João Batista "Viveu à Deriva---------- 162
Mahatma Gandhi---------- 164
Gandhi Viveu à Deriva---------- 174
Felizmente nem tudo está perdido------ 178
Produzir Alimentos---------- 180
Vietnam---------- 189
Vivem a Deriva, nesses eventos--------- 190
Para concluir com chave---------- 196

VIVER À DERIVA

OS QUE AJUDAM A HUMANIDADE

Olhar e apreciar a humanidade com grande percentual de seus filhos no labor da sobrevivência, ao sonharem acordados, vão lutando a somarem fatos e atitudes que lhes parecem tesouros, não passando de achados e conquistas efêmeras.

Lutam para serem admitidos como mitos ou ídolos, sacrificam-se para conquistar um lugar no conhecimento popular, (Um lugar ao Sol) se digladiam para acumularem falsas riquezas, compostas por bens supérfluos e inúteis aos verdadeiros objetivos da missão da vida terrena.

Outros vivem utilmente, sequer percebem a função benéfica de suas passagens pela terra. Seres humanos entregam-se ao trabalho filantrópico de animar, educar, divertir, fazer sonhos e levar incentivos, amor e esperança a gente que não consegue acompanhar as evoluções aparentes de bem estar e crescimento patrimonial, de pessoas ou empresas, segundo os parâmetros admitidos pela sociedade materialista.

Depois de dois mil anos, o Cristianismo apesar de difundido nos seus objetivos, não foi assimilado sequer compreendido por mais de oitenta por cento dos seus próprios adeptos. Assim, entre todas as filosofias e religiões existentes, das mais conhecidas, quer o islamismo, budismo, hinduísmo, cristianismo e todos os ensinamentos conquistados pelo conhecimento humano, estão ainda

em forma de “ovos”, para serem chocados e eclodidos na sabedoria popular.

Os seus precursores aqui vieram, ensinaram de acordo com a capacidade intuitiva e assimiladora da época, com imensas dificuldades para exemplificar e demonstrarem os valores e parâmetros pelos quais a vida deve ser conduzida.

Jesus de Nazaré foi o precursor do Cristianismo, como outros, seguiu a trilha mais eficaz, contudo das maisdifíceis para ensinar e exemplificar os objetivos e valores dos preceitos que devem levar a humanidade à evolução.Chamou à atenção de toda a população por onde passou, atraindo milhares de seguidores que como autônomo, ao ouvit as suas prédicas a testemunharem o que se denominaram de fenômenos, fugiam como até hoje fogem do conhecimento humano.

Em pouco tempo conseguiu atrair a atenção do Governo nos seus prepostos, peregrinou por terras áridas e povos ignorantes, às vezes violentos, viveu em lar humilde, presenciou e ajudou no labor cotidiano do aprovisionamento do lar.

Por várias vezes, foi tentado para evidenciar os poderes paranormais, em beneficio próprio ou do seu grupo, recebido em ambientes nobres e suntuosos, não se promiscuiu, venceu as tentações externas de poderes e riquezas, lutou e triunfou contra os impulsos atávicos da personalidade humana. Repeliu honras e louvores em seu nome, atribuindo todo poder ao **Pai** que o enviou.

Expressou a sua identidade para com todos os que vivem neste orbe, afirmando-“**Vós sois Deuses**. **Vós sois o Sal da terra e a Luz do mundo”**.

Dá mais exemplos do que ele ensinou, torna-se repetitivo, é útil que cada um procure ler e vivenciar os evangelhos escritos pelos seus discípulos e adeptos.

Torna-se então premente e intransferível o esclarecimento, a propagação e treinamento de todos os que desejam ou necessitam de ensinar, evangelizar e consequentemente conduzir a nova geração do terceiro milênio, aos verdadeiros objetivos das missões dos que aqui vieram, se imolaram para deixa as lições imortalizadas.

Se na época eles não foram compreendidos, agora é chegado o tempo de iniciarmos a lavagem mental de todos os conceitos retrógrados, extirparmos da nossa vivênciaos mitos, as crendices fantasmas, os ensinamentos da fé sem lógica, das afirmações teológicas que obscureçam a ciência e as leis naturais da vida. Especialmente o que se prega à cerca da vida física do **Mestre de Nazaré**, ao mesmo tempo em que vale à Ciência, a advertência para melhor analisar as afirmativas e conceitos trazidos pelas religiões e seitas, que nos dão evidencias e afirmações, desde os mais remotos tempos, de fatos aparentemente estranhos, mas, que não passam de conceitos e ocorrências normais no mundo extrafísico dos fenômenos naturais.

O próprio **Cristo** falou:**conheça a verdade e ela vos libertará.** Que verdade seria essa referida pelo **Mestre**?

Como poderemos nos libertar? Pois na luta da vida, cada conquista em que nos habilitamos, é nos imposto maior dever de competição, se nos esportes; em cada vitória, nos impõem adversários mais preparados, com maior gana em nos vencer. Na conquista de prestigio, se hoje alcançamos um objetivo, amanhã ele já não nos satisfaz, partimos para outro que nos parece superior.

O acúmulo de riquezas é um eterno labor, mal chegamos ao que perseguíamos, não mais nos completa, partimos para uma empreitada maior e mais difícil.

O corpo físico, morada do espírito, **é o primeiro a pedi, exigir conforto, aventuras, sensações múltiplas, desde o conforto excessivo, ao ócio degenerativo**.

As pequenas aventuras já não nos preenchem o prazer, a todo dia mais sensações queremos curtir, uns vão às raias da loucura, outros se enveredam pelos esportes que deveriam se constituir de momentos de congraçamento e interação entre os indivíduos, povos e países, degeneram-se em meios de enriquecimento das pessoas e grupos, tornando muitas vezes seus ídolos, em maquinas de amealhar milhões, quando eles se cansam ou se debilitam pelo excesso de esforço ou pelo próprio tempo e desgaste natural, são deixados ás traças, passam até necessidades do mínimo à sobrevivência.

Os resultados das competições já não expressam a verdade e a justiça para os que melhor se prepararam, pois debaixo dos festivais de glorias esportivas, existem geralmente interesses escusos, que visam apenas o maior lucro, a maior projeção para o esportista, o time, ou a organização esportiva.

Convencionou-se que; qualquer organização para crescer tem que se profissionalizar, tornar-se empresa, no que não discorda a concepção espiritualista, contanto que empresa, profissionalismo, venha a cumprir as leis naturais da vida terrestre, ou seja: conglomerado humano onde seus servidores trabalham e possuam condições equitativas de sobrevivência e conforto.

A empresa deve ser o meio pelo qual podemos gerar recursos e distribuí-los, equitativamente com os participantes do empreendimento, a sobra deverá ser aplicada em outros empreendimentos especializados na distribuição dos bens socais.

Vêem-se hoje, instituições cujas atividades deveriam ser voltadas exclusivamente para o bem da população, completamente desviadas dos seus objetivos, empanturrando de valores e falsas riquezas os seus supostos proprietários, falsos donos, vês que, tudo ao **Pai** pertence. Essas atividades foram concebidas unicamente para viabilizarem o progresso humano e amenizar os sofrimentos dos que aqui vieram, para cumprir e resgatarem falhas de outras encarnações, expurgarem para a terra suas mazelas.

A Educação, base primeira da evolução humana, está centrada na competitividade das conquistas dos bens materiais, pouco sobra nos currículos, à verdadeira e valorosa ideia do crescimento espiritual dos neófitos, vez que, lhes faltam exemplos, quando os têm, é ensinada valorizando a supremacia das conquistas materiais, com exemplos de que o triunfo depende do que mais possuir em bens e riquezas.

Nos censos das empresas, são classificadas as de grandes capitais e patrimônios, sem se atentar paraa situação em que vivem todos os seus trabalhadores, ou o bem que causa a humanidade os seus produtos ou serviços, que são aptos a desempenharem.

Crimes perpetuados quotidianamente são admitidos pela troca de maior volume de dinheiro que entra nos cofres públicos, através dos impostos, que para ser conivente, o Governo cobra taxas exorbitantes, criando assim a falsa idéia de que, com o aumento vultoso dos impostos e multas, está a combater a degeneração e os vícios.

Nessa urgia de permissibilidade, a hipocrisia chega às raias da degradação, quando é proibido possuir, conduzir e vender certos produtos (drogas), contudo pagando altos impostos, pode-se possuir conduzir e vender outras (drogas), a segunda classe bem mais difundida e em termos percentuais, causam maiores prejuízo da humanidade. (o álcool e o fumo)

A respeito desse assunto, transcrevemos o capitulo abaixo do nosso livro "Espiritualiza-se Aqui Vencendo a Morte" -

As Drogas

Todos os homens deste planeta, ou quase a totalidade, já experimentou, conviveram ou convivem com as drogas.Elas estão e fazem parte ativa em todo processo humano, seja no convívio social ou na nossa própria farmacologia, as drogas são úteis e faz muitomais bem a humanidade do que os males causados, pelo mau consumismo dos produtos considerados alucinógenos e que causam dependência.

Deus não deixaria nascer e desenvolver uma só planta, ou um só elemento químico vegetal, se não fosse perfeitamente útil e necessário à vida em qualquer planeta. Lembro-me de uma citação de certo Pensador; falando sobre o beneficio que o dinheiro podia trazer a humanidade, ele escreveu: (Com o dinheiro nós podemos comparar a gasolina, ela é um bom combustível, move motores que nos facilitam a vida, mas, se a utilizarmos com maldade, poderemos jogá-la em um individuoqualquer e queimá-lo).

A mesma comparação pode se fazer com as drogas, o seu uso excessivo e mal orientado, depende da pessoa que a usa, muitomais dos interesses escusos dos desesperançados, sem a segurança que nos traz uma ligação com a fonte fecunda e infinita que o **Pai** nos legou, a **Sabedoria e a Fé.**

Em toda parte do Universo, existem os que tentam, e os tentados, dai, aquilo que citamos em outros trabalhos, o **Demônio**, ser mitológico, representa todas as maldades e desvios da humanidade, pelo grau da nossa evolução aqui na terra, composta de seres ainda em estágio primário para a **Divinização.** Ao encontrar os obstáculos criados pela sua própria conduta pregressa, indivíduos procuram contorná-los efetuando fugas e meandros, na ilusão de alcançar ou viverem o colóquio e interação com frequências de melhores vibrações do que o estado real vivenciado, o momento, a realidade palpável e insatisfatória para os desejos e exigências da carne, vês que viemos de não muito longe, dos instintos animalescos.

Os incautos passam a ser as vitimas dos aproveitadores, que sem nenhuma ética ou a**mor** pelos menos vigilantes, procuram explorar as suas fraquezas, ao produzir traficantes e viciados, fazem novas vitimas e elas passam a ser o mercado consumidor, onde se baseiam os fluxos de organizações com previsões de recursos vultosos, cujos movimentos, enriquecemmilhares de pessoas sem escrúpulos, às vezes formando teias, onde estão envolvidas as próprias autoridades dos Pais.

As somas gigantescas de dinheiro mobilizadas pela atividade, conseguem corromperalgumas autoridades, que vivem com parcos salários e não têm a mínima formação religiosa, a não ser a recebidafantasiosamente nas Igrejase seitas, sem base para uma **fé com lógica e razão.**

Somos daqueles que acreditam que todas as drogas deveriam ser liberadas, mas toda carga tributária arrecadada através do movimento de venda e compra das mesmas, deveria ser aplicada em investimento e despesas, com esclarecimento e conscientização dos males susceptíveis ao uso descontrolado, assistência religiosa, médica e psiquiátrica para os usuários.

Uma pergunta fica no ar, quais osmais criminosos? Os que produzem e os que traficam, os que distribuem e os que usam ou os que mantêm o Estado com poder de policia para coibir, dificultar, prender e fazer reparar? Quando na verdade permitem, facilitam e libertam, quando as proibições só conseguem valorizar o produto, para crescimento do bolo a ser dividido.Ai uma pequena porção da droga, brilhaaos olhos dos gananciosos e delinquentes, como a mesma porção de um pedaço de ouro.

Com a política atual de combate às **drogas,** iremos assistir como em vários Países deste planeta já se assiste, a circulação da **droga, para garantia da moeda.**

Essa é uma conclusão pessimista, contudo, fica como advertência para as autoridades e chamamento da atenção à nova geração.

Vida Profissional do Autor

Instantâneos da nossa vida No sentido de nos fazermos conhecidos dos nossos leitores, antes de enfocar a razão principal dessa mensagem, vamos descrever pequenos instantâneos, ao aproveitar uma crônica também por nós escrita, em que dissertamos momentos da nossa vida profissional, no tempo que não nos preocupávamos aindacom os eventos espirituais, sonhando acordado com a valorização da nossa personalidade, quase que desligados da verdadeira função do viver. Já naquela época, levávamos e nos entregava ao trabalho de conduzir luz física aos mais necessitados, em labor e dificuldades que o viver nos oferecia, servindo sempre à coletividade, só que, esperávamos compensação em recursos materiaise posição social, "(Doce Ilusão)".

Passamos necessidades no Colégio, quando estudávamos, quase não tínhamos nem o que comer, roubava comida durante a noite, inclusive nas chácaras vizinhas, frutas, especialmente bananas, dinheiro quase não conhecíamos.Tomei raiva do "quiabo", porque tive que mastigá-lo durante dois anos, era o que mais barato havia nas feiras livres.

Roupa, meu manequim era universal, dependia de quem usasse e depois de velha me doasse, o pior era o sapato, calcei do número 38 a 42, dependia do tamanho do doador, sonhava com uma bicicleta, mas tive que me contentar com carros feitos por mim mesmo, com rodas de madeira e carenagem dos restos de tábuas, o pior era quando só achava resto de caixas vazias de bacalhau.

Levei tiro de pistola 45 de raspão, provindo de uma arma disparada por brincadeira e acidental, por um Sargento meu amigo, o Sargento quase desmaiou quando se deu pelo perigo, eu o animei.

Ainda rapazinho, eu fui espancado na praia do Farol da Barra aqui em Salvador, por cinco rapazes que me confundiram por outra pessoa, ainda ameaçado pelo filho do proprietário do nosso colégio Carneiro Ribeiro, de ser expulso do internato, se após haver conseguido um canivete que estava em minha calça, fosse atrás dos indivíduos que me espancaram, "como hoje agradeço de corpo e alma aquele senhor"!

Na profissão, fiz trabalhos perigosos, lembro-me de alguns quando comecei a exercê-la. Por exemplo- orientar por mais ou menos setenta e duas horas ininterruptas, dentro de uma tubulação de ferro de oitenta centímetros de diâmetro, soldadores ao fecharem brechas abertas em tubulação deferro onde passavam as águas que giravam turbinas, com o fim de restabelecer o fornecimento de energia elétrica a várias cidades. Saí completamente cego e permaneci por três dias com dores intensas, só depois de muito sofrimento consegui recuperar a visão.

Acordar na madrugada, em plena tempestade, sair correndo para apanhar trabalhadores nas suas residências. Embrenharmos na mata durante o temporal, atravessar rios em enchentes, no escuro. Numa dessas ocorrências, quase perdemos um Eletricista, que só conseguimos salvá-lo depois de uma hora de procura, estava preso em uma arvore a gritar-tô morrendo, tô morrendo.Contudo a energia elétrica das cidades tinha que ser restaurada no mais curto prazo possível.

Mergulhar em uma barragem, que a força da água abriu uma fenda no ponto de sua maior profundidade, desci amarrado pela

cintura com uma corda, mostrei aos homens nossos funcionários, que era possível mergulhar conduzindo sacas de areia, que de uma a uma, iríamos conseguir tapar a fenda, sendo que para voltar à tona com a missão cumprida, dois homens fortes puxaram-me, após dar-lhes mensagens com solavancos na corda, perigo eminente, devido ao enorme empuxo da sucção da água na fenda.

Enfrentar fazendeiros, com homens armados, impedia a nossa entrada nas suas propriedades a fim de construirmos novas linhas de distribuição de energia. Lembro que, tivemos de recorrer também às armas e só Deus nos livrou de sofrer ou cometer crimes.

Em um desses eventos, um boi de pura raça nelore, de valor extraordinário, caiu em um buraco de uma estrutura a ser implantada. Quanto mais se esforçava para sair, mais se aprofundava, no outro dia amanheceu morto, tivemos que cobri-lo com terra e transplantar capim para o local, remover a estrutura que deve estar lá até hoje.

O administrador da fazenda continuou a procurar o reprodutor, só depois de muito tempo, após fazer amizade com o fazendeiro, contei-lhe o fato, o que até hoje serve de motivo de gozação e brincadeira entre nós.

Enfrentamos General, Governador recém eleito deste Estado, tivemos polêmicas por todo um dia de trabalho, durante inspeção feita por ele, logo depois de eleito ele foi ao nosso Sistema ver o andamento dos serviços, eu sabia que acima de tudo, ele queria conhecer seus adversários, que havíamos derrubado os seus esquemas políticos regionais, impostos por trinta anos na localidade.

O atrito verbal foi intenso, entre outros, lembro-me que ao subir a pé o montante da barragem de "Cachoeira do Inferno", **uma cobra coral verdadeira, saiu quase em baixo do pé do General, eu gritei: cuidado olhe a cobra General! Ele pulou de lado, ao se restabelecer do susto, disse com o dedo apontado pra mim: rapaz, não se preocupe, uma cobra não morde a outra, eu respondi na bucha: "minha preocupação não foi pelo senhor General, sim pela saúde da cobra".**

Nossa prisão

Logo após a revolução de 1964, fui preso, apanhado em casa às seis horas da manhã, sendo conduzido para um quartel, o representante da lei que por sinal havia sido meu colega de "jiu-jítsu", no trajeto, me perguntou: você é comunista, é contrabandista, ou traficante de drogas? Eu respondi: nada disso me atinge e lá fomos nós inocentesem saber a razão da nossa prisão. Só mais tarde, depois de ouvirmos muitas piadas como: esse pretinho ai, deixe comigo que vou esfolar vivo, (esse era um Capitão que jamais esqueci sua fisionomia). Ai dele! Se não ficasse só na ameaça! E outras mais degradantes. Só mais tarde conseguimos entender o motivo da nossa prisão, fútil e injusta quese confirmou.

Fomos roubados

Por uma grande empresa do Sul do País, quando fechamos um contrato de sub empreitada, tivemos que adquirir grande quantidade de equipamentos, financiados através de um empréstimo denominado na época de "Meia Itrês", ou seis, não me

lembro bem. Era em dólar. A Empresa nossa contratante, recebia os valores das faturas em Recife, não repassava para nossa Empresa, tive que pagar todo o financiamento. Fiquei a "ver navios" com os equipamentos servindo a dona da obra, a CHESF, quando foi encerrado o trabalho, devolveram-me os equipamentos em frangalhos.

Voltando dos Estados Unidos, vim com a ideia de capitalista, passei dois anos a trabalhar, investindo em ações, até hoje não sei como, Cervejaria, Banco do Brasil, Banco da Bahia, Coelba, Telefonia e outras consideradas rentáveis, foram deteriorando os seus papeis, com as mudanças de planos e moedas implantadas por governos incompetentes e de má fé, perdi tudo.

Fui praticamente execrado da empresa que, com tanto idealismo e sacrifício conseguimos fundar, depois de luta política insana e difícil, para conseguir que fosse decretada, pela Governo do Estado, depois de aprovada na Câmara Estadual, a dotação orçamentária para implantação da COELBA. O motivo da minha demissão: não concordar com a construção do que seria a espinha dorsal das linhas de transmissões de energia elétrica neste Estado, passando pela região cacaueira, um absurdo em custo e prejuízo ao meio ambiente. Na época apresentei alternativa menos dispendiosa e sem quase nenhum dano ao meio ambiente, só que, contrariei opinião de pessoa nascida naquela região cacaueira, que era Diretor da Empresa.

Segundo e justificado motivo da nossa demissão: quando perdemos a esperança de obter registro no Ministério da Educação do nosso diploma de nível superior, de Engenheiro Eletro-Mecânico, o que outros colegas mais antigos haviam conseguido, a nossa posição funcional dentro da Empresa começou a se deteriorar, com as contratações de novos Engenheiros, entendemos que nossa

segurança funcional estava completamente ameaçada, procuramos compensar essa insegurança com um futuro ponto de apoio; criamos pequena Empresa que trabalhava como subempreiteira, especialmente em outros departamentos da COELBA, no Departamento de Manutenção.

Perigos eminentes

Fiz ligações de baterias de transformadores de energia de médio porte (verdadeira bomba de grande poder explosivo), quando o transformador principal de uma cidade explodiu (Jaguaquára), nenhum comandado, ou mesmo colega que lá estava, teve a coragem de ficar, a não ser ao mínimo de cem metros de distância, quando a luz da cidade acendeu, todos vieram a abraçar e agradecer-me, pela situação vexatória que iríamos ficar, com a chegada eminente do Senhor Governador, logo mais à noite na cidade às escuras.

Fui acidentado por três vezes com veículos. Na penúltima, caímos em uma barragem com o jipe (Itaquára). Já submersos e quase sem fôlegos, consegui liberar o pé do meu motorista, que se prendia entre as alavancas de redução da caixa de marcha no piso do carro. Quando alcançamos à borda da barragem, quase desfalecidos no escuro eu estava com o cano de ferro que sustentava a lona da porta do jipe espetado sob o meu braço esquerdo, fomos socorrido por uma moradora que após extrair o ferro por baixo do meu braço, untou o orifício que pouco sangrava, com querosene, único desinfetante ali existente.

Isso tudo sem contar os **momentos de extrema gravidade** por que passamos, com choques elétricos. Destacando um: depois de receber uma descarga elétrica, fiquei inconsciente dependurado pelo sinto de segurança, há mais ou menos nove metros do chão, sendo retirado por outro colega (Astério Maltez) que, entre os eletricistas assistia a minha pesquisa do defeito na nova rede elétrica. Lembro que esse fato foi na Cidade de Serrinha. Se houvesse me desprendido e caído, seria sobre dois trilhos fincados em uma esquina, para protegerem o poste, acredito que havia sido fatal.

Entre outros momentos de perigo, recordo um em que ao chegar ao pé de uma torre metálica que estávamos montando, eu distraído, fui advertido por um trabalhador, daquele que se denominava de "peão", sem nenhuma qualificação profissional naquela atividade, ele disse: Doutor (todo chefe era denominado de Doutor) o senhor esqueceu o capacete. Realmente eu havia esquecido na caminhonete, disse pra ele: fique fora da área de perigo e me empreste o seu, não deu outra; Instruindo ao montador sobre a furação da cantoneira de aço, ela se desprendeu da corda onde estava amarrada a uns oito metros de altura, se chocou com outras cantoneiras já montadas, ao cair atingiu o capacete na minha cabeça, brocando-o e ferindo de leve a minha testa, mesmo protegido, fui ao chão com a pancada, a cantoneira pesava aproximadamente oito quilos.